

CULTURA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Graciela Pavelacki Oliveira¹
Sidinei Pithan da Silva²

INTRODUÇÃO

Este texto procura compreender o papel da cultura e da educação no contexto da globalização, cenário em que as coisas e atitudes se tornam cada vez mais rápidas, instantâneas e líquidas. Destacar um conceito possível para conceber o discurso sobre a cultura torna-se relevante em medida que nos permite situar seu lugar no âmbito das ciências sociais, bem como para pensar caminhos para a mudança social e educacional.

OBJETIVOS

O estudo objetiva analisar o conceito de cultura nas obras de Zygmunt Bauman, procurando compreender suas relações com o cenário da globalização, e com os desafios da educação no campo do pensamento das teorias críticas.

METODOLOGIA

O enfoque metodológico orienta-se por um enfoque hermenêutico e crítico-dialético, tendo como perspectiva uma análise das principais obras de Zygmunt Bauman, em que o autor destaca e explicita o conceito de cultura e de globalização. O fundo teórico-metodológico, ampara-se em pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, sendo o caminho escolhido orientado por uma interpretação acerca do lugar das categorias - cultura e globalização - no contexto amplo da obra de Zygmunt Bauman, o que pode nos ajudar a perceber sua interface com os discursos críticos em educação, em ciências sociais, e, particularmente, para pensar a mudança social em tempos de globalização.

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências - UNUJUÍ. Professora da Educação Básica dos Estado do Rio Grande do Sul. Unistalda - RS. Contato: graciela.oliveira@sou.unijui.edu.br

² Doutor em Educação (UFPR). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí-RS. Contato: sidinei.pithan@unijui.edu.br

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente a temática sobre a globalização está presente em debates, noticiários, revistas e livros, sendo a mesma estudada e vivenciada, tornando-se muitas vezes sinônimo de felicidade ou de infelicidade. Ela parece indicar algo que se refere a uma nova dinâmica espaço-temporal, que afeta sobretudo o modo como somos atingidos.

Zygmunt Bauman (1999) interpreta que a globalização atinge a todos e de certo modo estamos sendo globalizados. O autor ressalta como grande desafio de nosso tempo a separação entre poder e política, sendo que esta se relaciona ao desenvolvimento das desigualdades econômicas, políticas e culturais. O pano de fundo em que precisaríamos conceitualizar a categoria cultura nos dias de hoje ocorre em um novo cenário social, em que as forças extraterritoriais do capital, se globaliza, e isso parece significar, que o termo globalização, significa mais o que está ocorrendo conosco, do que o poder que temos para controlar o curso dos acontecimentos.

O conceito de cultura, do mesmo modo que a problemática educacional, atravessa uma mudança, a qual pode ser percebida em três grandes momentos ao longo da modernidade. O último momento parece coincidir com a condição da globalização. No primeiro momento, na história da modernidade, após o século XVII, a categoria cultura ocupa o lugar que representa o poder do humano, sua autoconsciência de que o mundo é permanente criação. O termo cultura nasce revolucionário, estando, conjuntamente com as grandes mudanças em curso significando certo poder do humano de conhecer e transformar o mundo.

Durante o século XX, o conceito de cultura, assume uma face conservadora, ou estabilizadora, indicando que nem tudo pode ser revolucionado, e que o termo cultura deveria ajudar a estabilizar e conservar o mundo, em que não poderiam haver grandes mudanças sociais. Ambos os momentos, fazem parte, segundo Zygmunt Bauman, do cenário de uma modernidade que embora tenha reconhecido e entrado na condição de mudança

social como dinámica permanente, buscó asumir en la noción de cultura, algo que pudiese servir de fundamento para guiar e administrar a la sociedad.

No primer momento, el término cultura sirve de base elemental para representar el significado y la relevancia de educarse. La gran cuestión de fondo gira en torno a la creación de un mundo racional, y de una forma de subjetividad capaz de autonomía y esclarecimiento a partir de las luces de la ciencia. Ambas instancias subsidian el gran proyecto de construcción de la lógica del Estado-Nación moderno. El progreso de las luces representa la búsqueda por el progreso de algo que pudiese servir como objeto que sustituya a la fe en la teología, y pasa a orientarse por la fe en los objetos de la ciencia. Zygmunt Bauman denomina a esta fase de la modernidad la modernidad sólida.

En este sentido, Bauman destaca el concepto de cultura ya desarrollado por Bourdieu, que “captó a la cultura en su estadio homeostático, a la cultura al servicio del status quo, de la reproducción monótona de la sociedad y de la conservación del equilibrio del sistema, poco antes de la pérdida de su posición, pérdida inevitable y que se aproximaba deprisa”. (BAUMAN, 2013, p.10). Esta visión de cultura servía mucho más para justificar el pertenimiento a una clase social que para definir una definición de cambio. Ahora Bourdieu, de cierta forma corrobora el concepto de sociedad líquida, donde la cultura está dirigida a despertar tentaciones, estímulos, en fin, a inducir al consumo.

Este consumo, al incluirse a la cultura, sugiere que el individuo tenga libertad de elección y también responsabilidad sobre esa elección, de forma individual. Pero al mismo tiempo incute al individuo que esa elección sea y continúe siendo una necesidad y un deber inevitable de la vida, sobre los cuales el mismo asume su responsabilidad y carga con las consecuencias, que van siendo impuestas a lo largo de la condición humana y al mismo tiempo haciendo con que perciba todo esto como si fuera algo que forma parte de sus elecciones.

Ante tal situación puede surgir un conflicto de identidad, donde las diversas posibilidades de elección que surgen y que los individuos son obligados a hacer, en escenarios que están en constante cambio, terminan llevando a una sociedad de personas insatisfechas.

En este contexto, la cultura de la modernidad líquida tiene, prioritariamente, como objetivo seducir y al mismo tiempo mantener las necesidades despertadas como permanentemente irrealizadas, generando así un estado de insatisfacción,

onde os líquidos fluem rápidos e preenchem vazios com facilidade, de modo que penetram em qualquer ambiente.

Na tentativa de nos apresentar um conceito de cultura condizente com a sua maneira de pensar, Bauman observa que, para Adorno, “a cultura representa interesses e demandas das pressões particulares em oposição às pressões homogeneizantes do “geral – e assume posição inarredavelmente crítica em relação ao atual estado de coisas e suas instituições”. (BAUMAN, 2013, p.69). Aqui a cultura seria um fator de crítica ao estabelecido.

Bauman nos diz ainda que Hanna Arendt prefere vincular o conceito de cultura ao de beleza como sinônimo que foge aos padrões da racionalidade, desfazendo assim a ideia de cultura como bem de consumo, ou forma de satisfação de necessidades.

No cenário da Globalização, ao final do século XX, o termo cultura passa por uma mudança, conjuntamente com a própria dinâmica da vida social. Zygmunt Bauman aponta aqui o cenário de uma crescente mercantilização, e da presença de uma força individualizadora, a qual coincide com crise da modernidade sólida, e o advento de uma modernidade líquida.

Com isso, os efeitos produzidos pela mercantilização de todas as coisas são a decadência da doação, do gratuito, do oferecimento, do serviço prestado, o quase desaparecimento do não monetário, que ocasiona a erosão de qualquer outro valor que não o atrativo do consumo e do lucro, onde os valores presentes na sociedade em que nos inserimos, que são modificados e repensados no decorrer de nossas vivências culturais.

O cenário parece ser o de um mundo funcional, em que a própria cultura estaria, em parte, relacionada com a reprodução da sociedade de consumo. Mas, seria este o fim (a finalidade) da categoria cultura, no universo da modernidade líquida ou da sociedade globalizada?

Para Bauman

“A “globalização” sustenta-se basicamente numa rede de dependências inter-humanas, ampliada a dimensões globais. A questão, contudo, é que esse processo não se faz acompanhar do aparecimento de uma gama equivalente de instituições de controle político capazes e eficientes, ou algo como uma cultura verdadeiramente global. A separação entre poder e política está estritamente ligada ao desenvolvimento desigual da economia, política e da cultura.” (BAUMAN, 2013, p.54).

Nosso desejo de que os direitos coletivos se tornem universais acabam comprometidos diante dessa rede de dependências da globalização, que privilegia muito mais a economia ficando dessa forma dissociada da política e da cultura. Parece que somos muito mais objetos do que propriamente agentes de instituições.

Juntamente com a globalização vivenciamos a era da informação, onde o global se torna local e o local/global, ou seja, o poder extraterritorial permite a compressão do espaço e a aceleração do tempo, então, na medida que não confere valor ao espaço, o tempo é instantâneo, podendo ser manipulado, corrompido e encurtado. Assim juntamente com a fluidez temos a instantaneidade, mostrando o consumo como uma forma individual de sentir-se pertencente a comunidade e seguro, ressaltando que, aos que não se enquadram nesse perfil, existe toda uma manobra para deixá-los distante e invisível.

Assim, através do conceito de cultura líquida moderna para o cenário brasileiro, Silva (2021) nos diz que no nosso solo esse sentimento se assemelha ao que acontece em outros países, ressalvadas as particularidades. Questiona, assim, o significado de uma educação emancipatória, crítica e democrática diante de uma nova forma de agir docente. Traz, para reafirmar seu questionamento, a ideia de Castoriadis (2007), segundo a qual a educação pode ampliar as possibilidades de sociedades autônomas e democráticas, capazes de nos levar ao questionamento do que nos é dito. Outorgando para a educação um papel fundamental e determinante nesse contexto cultural e globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Zygmunt Bauman, ao dialogar com autores como Pierre Bourdieu, Hannah Arendt, Theodor Adorno e Cornelius Castoriadis, parece apostar que o termo cultura precisaria ser significado de forma ambivalente, representando também o poder da referida categoria como forma de reflexividade, e portanto, de busca da liberdade. Este modo de entender a cultura, e sua relação com a constituição do mundo, pode nos ajudar a analisar sua relação com a educação nesse contexto globalizado que vivenciamos, e porque não dizer, repensar a

forma como que ela pode criar e fortalecer o pensamento crítico, bem como uma cultura do diálogo, a qual, quem sabe, nos permita enfrentar os desafios de nosso tempo, aproximando os vínculos entre poder e política.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MORIN, Edgar. **O Método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2001.

<https://www.researchgate.net/publication/356557270> Educacao e cultura autoritaria no cenario da Modernidade LiquidaFlexivel repensando a acao do cente em sentido democratico e emancipatorio. Acesso em: 11 de mai.2022